

O humor e a alegria na Educação Musical

Comunicação

*Edson Ponick
Universidade Federal de Pelotas
edsonponick@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho oferece uma reflexão sobre o humor e a alegria como estratégias pedagógicas na Educação Musical e como formas de resistência diante da crise atualmente vivida em nosso país. Partindo de experiências concretas em que a alegria pautou a aprendizagem musical, reflete-se sobre a importância de proporcionar um ambiente alegre e descontraído para a experiência musical. O texto baseia-se em autores do campo da Educação e da Educação Musical, argumentando que uma postura lúdica e brincante contribui para a aprendizagem de conceitos musicais, para abertura a novos desafios, para a concentração e a atenção das crianças e também das pessoas adultas e para a experiência criativa da composição musical.

Palavras-chave: Educação musical; humor; alegria.

O humor e a alegria nas revistas da ABEM

Iniciei a escrita deste texto usando a ferramenta de pesquisa da Revista da ABEM. Meu objetivo era verificar o quanto esta temática já foi abordada e discutida na revista que é referência para a Educação Musical no Brasil. Digitei a palavra “alegria” e nenhum resultado foi encontrado. Busquei então o termo “humor” e novamente nada apareceu. O mesmo aconteceu com o vocábulo “diversão”. Da mesma forma não há registros nos artigos da revista aos verbos “alegrar” e “divertir”.

Minha segunda opção foi pesquisar os títulos dos artigos da revista Música na Educação Básica, também no site da ABEM. Entre outros, encontrei o texto de Alana Hasse e Luciane Cuervo, que abordam a questão do lúdico e do humor na atuação do grupo artístico “Cuidado que Mancha”. Segundo consta no resumo:

Articulando as concepções artísticas do grupo às práticas pedagógicas para diferentes fases do desenvolvimento infantil, as autoras concebem atividades musicais inspiradas na estética da ludicidade, da fantasia, do humor por vezes ingênuo, por vezes irônico que são explorados nas produções (HASSE, CUERVO, 2017, p. 01).

Em outro artigo, a educadora musical Viviane Beineke também destaca o lúdico e o brincar no artigo em que descreve a experiência do fazer musical com copos e percussão corporal. Segundo consta no resumo, apresentando “uma abordagem lúdica do ensino de música, o texto focaliza o trabalho com canções brasileiras arranjadas para jogos de copos, buscando possibilidades metodológicas que valorizem a produção musical dos alunos” (BEINEKE, 2011, p. 9).

Com base nas experiências que venho construindo em minha prática como educador musical e formador de professoras para a educação infantil e os anos iniciais e atendo-me a esses dois exemplos localizados na base de dados da ABEM, coloco os seguintes questionamentos: a questão do humor e da alegria perpassa nosso fazer educativo-musical? De que forma? Se isso de fato acontece, não necessitamos refletir a respeito? As páginas que seguem desenvolvem essas questões, procurando respondê-las através da descrição de experiências e, principalmente, da reflexão teórica baseada em educadores do campo da Educação e da Educação Musical.

Na experiência descrita a seguir, prevalece a possibilidade e a capacidade da improvisação decorrente da percepção de que o momento pedia tal adaptação ao planejamento original. Nela explicita-se também como a surpresa conduz ao riso espontâneo e facilita a aprendizagem. Logo em seguida, discorro sobre como diferentes educadores destacam a alegria, o humor e a descontração nas suas reflexões. Além de destacar a diminuição da ansiedade do medo de errar, abordo a importância da postura brincante do educador musical e de sua atuação como animador em determinados momentos. Ressalto ainda o humor amoroso do qual nos fala Comte Sponville, humor que sabe rir dos outros como de si próprio. Por fim, relaciono o texto ao tema do congresso, colocando a alegria como forma de resistência em tempos de crise.

O humor e a alegria na sala de aula

Entrei na sala alguns minutos antes de iniciar a atividade. No planejamento constava a execução de canções de saudação e de roda, o reconhecimento de instrumentos pelo timbre e, logo em seguida, a exploração dos mesmos pelas crianças. As crianças eram meninas entre seis e oito anos de idade, participantes de um projeto no contra turno de uma

instituição. Já era minha segunda visita ao grupo e algumas meninas já me conheciam. A sala estava organizada com as cadeiras em formato de círculo, deixando todo o centro da roda para a vivência das atividades.

Ao ouvir sons de crianças, olhei por uma janelinha que dava acesso ao corredor onde as meninas passavam, sorri e abanei para algumas, que retribuíram o aceno e o sorriso. Logo em seguida, 22 meninas entraram na sala, rindo e conversando. Algumas entraram e já procuraram um lugar para sentar. Eu as olhava sempre com um sorriso no rosto, observando cada feição, cada expressão, tentando estabelecer uma comunicação visual e gestual simpática, quase brincalhona com cada menina. Algumas vieram conversar comigo. Outras se aproximavam e ligeiramente tangiam as cordas do violão, que eu segurava no colo. Tudo era acompanhado de risos e pequenos diálogos.

Quando todas estavam sentadas, eu disse: “Boa tarde!”. Elas responderam na mesma entonação e com o mesmo entusiasmo. Percebi ali que poderia iniciar o encontro com esse jogo de imitação, usando o cumprimento como pretexto para a percepção de nuances na fala. Repeti a saudação da mesma forma, e as meninas embarcaram na brincadeira. Logo em seguida, disse um “boa tarde” bem agudo, e a resposta veio na mesma frequência. Seguiu-se uma saudação muito grave, que também foi bem interpretada pelas meninas. O próximo parâmetro foi a intensidade, com um “boa tarde” quase gritado, seguido de outro sussurrado. A duração também foi explorada com um “boa tarde” longo, seguido de outro curto. Estávamos em plena composição e interpretação da nossa peça musical, explorando os contrastes das propriedades do som. Faltava o timbre. Imiti então a voz de um robô, dizendo um “bo-a – tar-de” quadrado, com voz metálica. Este foi interpretado de forma razoável. Brinquei com as meninas, dizendo que ele poderia ser melhor, e elas concordaram. Repetimos o “boa tarde” robótico e encerramos a atividade, que não estava prevista para aquele dia.

Todo esse processo de composição e interpretação aconteceu recheado de risos, caretas, expressões corporais ligeiramente exageradas tanto da minha parte quanto da parte das meninas. Foi divertido brincar com o cumprimento formal e bem conhecido de todas as pessoas que estavam na sala. Havia prazer e alegria estampado nos rostos de quem participou da atividade. Rimos e brincamos com o som; exploramos suas possibilidades e também nossas habilidades corporais em expressá-lo. Estávamos felizes com o resultado da

nossa atividade. Tanto que a encerramos com uma salva de palmas, demonstrando que foi significativo o que fizemos.

Meu planejamento cedeu lugar a mais uma atividade não prevista. Fiz uma contagem coletiva com as meninas para saber quantas estavam na sala. Terminada a contagem, expressei minha preocupação, dizendo que não tinha instrumentos para todas. Uma certa decepção correu rapidamente pelo grupo, mas eu logo segui, chamando a atenção para os instrumentos musicais que sempre estão conosco. Antes de nomeá-los, indaguei se elas sabiam quais eram. As meninas sugeriram alguns instrumentos musicais que elas conheciam, até que duas meninas, quase simultaneamente, disseram que era a boca e a voz. Vibrei com a resposta, perguntei o nome delas, destaquei a fala delas e perguntei se todas concordavam. Além da voz, destaquei as possibilidades sonoras de todo o nosso corpo.

Iniciamos então mais uma atividade divertida e prazerosa. Combinei com as meninas que batessem palmas. Exploramos a intensidade com *crescendos* e *diminuendos*. O desafio seguinte foi brincar com sons e silêncios. Combinamos que minha mão fechada significaria silêncio, e minha mão aberta indicava que era hora de bater palmas. Ao fazer os movimentos, abria a mão com a palma para cima, indicando som; e virava a mão para fechá-la, indicando silêncio. A certa altura, virei a mão aberta, mas não fechei. Todas pararam de bater palmas. Olhei espantado e logo as meninas perceberam que deveriam continuar batendo palmas, o que fizeram, mas não sem rir muito pelo erro cometido. A partir dali, passei a brincar com a ideia de virar a mão sem necessariamente abri-la ou fechá-la. A cada erro, novas risadas e muita animação. O erro não era lamentado, e quando acontecia, vinha seguido de risos espontâneos. E a atividade seguia. Aos poucos, a atenção e a agilidade aumentavam e a resposta à mão fechada ou aberta melhorava significativamente.

O humor e a alegria como fundamentos da Educação Musical

Descrever as atividades acima de forma detalhada me pareceu necessário para refletir sobre um aspecto importante nas aulas de educação musical: a descontração, a alegria, o humor. Embora essa característica não seja exclusividade das aulas de música, creio no seu poder como meio de quebrar resistências comuns na aprendizagem de

habilidades que exigem coordenação, atenção, concentração e persistência. Vale destacar que a alegria e a descontração estão associadas a uma conduta lúdica, tanto da parte do educador musical, quanto por parte das crianças. Nesse sentido, Kishimoto (2011, p. 140), baseando-se na teoria de Bruner, defende que a “conduta lúdica oferece oportunidades para experimentar comportamentos que, em situações normais, jamais seriam tentados pelo medo do erro e punição”.

A educadora musical Viviane Beineke relata uma situação concreta do fazer musical em que o brincar alegre oportunizou uma experiência musical livre e despreocupada, onde o erro era encarado como parte do processo, situação muito parecida com a descrita acima com as meninas. “A gargalhada dos participantes no final da música, com copos espalhados por todo lado, totalmente envolvidos, nos revela que a brincadeira realmente aconteceu, num fazer musical movido pela alegria plena de quem brinca ‘por brincar’ e sem medo de errar” (BEINEKE, 2011, p. 15). Antes de ser algo constrangedor que tolhe e embaraça, o erro num ambiente lúdico é motivo de risos espontâneos que motivam e instigam a fazer de novo, a experimentar novamente.

A Educação Musical parece já ter despertado para a importância da ludicidade na aprendizagem musical, embora nem sempre tenha sido assim e, como visto acima, pouco se tem refletido a esse respeito. “Por muito tempo, a educação musical tem significado principalmente treinamento de crianças” (SCHAFER, 2011, p. 341). O treinamento do qual fala Schafer está dando lugar para a experiência significativa e prazerosa, o que não significa descuidar da qualidade musical no processo de aprendizagem. Significa apenas reconhecer uma característica própria das crianças ou, melhor dizendo, característica própria nossa enquanto seres humanos. Se atentarmos para os ditos da sabedoria popular, ouviremos entre eles que “rir é o melhor remédio”.

De fato, a experiência narrada acima com as crianças já foi vivenciada de forma muito semelhante por estudantes no curso de Pedagogia, por professoras e professores em projetos de extensão e formação continuada, bem como por pessoas de diferentes áreas de formação que buscam aprofundar seus conhecimentos musicais. Murray Schafer, falando sobre os distintos grupos de pessoas adultas que querem aprender música, defende uma postura mais lúdica por parte de quem está responsável por essa Educação Musical.

O que necessitamos é de um novo tipo de professor, que poderia ser chamado, mais precisamente, de um animador musical da comunidade. Como ensinar música para esses novos grupos de pessoas que parecem tão sem vida e tão desespiritualizados? Esse ensino demanda novas estratégias pedagógicas (SACHAFER, 2011, p. 343).

Entendo que uma das estratégias pedagógicas seja uma postura brincante, lúdica, por parte do educador musical. Uma postura capaz de quebrar a sisudez e a ansiedade, próprias de nosso tempo. Uma reflexão mais aprofundada sobre o tema do humor pode ser encontrada em André Comte-Sponville. O filósofo destaca o humor como uma das qualidades do ser humano. Para ele, “[...] o humor ri de si, ou do outro como de si, e sempre se inclui, em todo caso, no disparate que instaura ou desvenda” (COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 232). O humor é, segundo ele, essa capacidade de rir do seu próprio ser, produzindo alegria numa situação em que, aparentemente, a dor, a angústia e a sisudez imperam. Ele também estabelece uma diferença entre humor e ironia, enfatizando que o primeiro é uma virtude que cura, ajuda a viver, liberta, é misericordioso e humilde, enquanto a ironia prejudica, é egoísta e soberba (COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 234). Nesse sentido, entendo e defendo que o humor ou o riso podem humanizar uma aula de música, na medida em que contribuem para a formação de seres humanos mais humildes e solidários também durante o fazer musical.

Arriscaria dizer então que o (bom) humor é uma postura ecológica, no sentido mais abrangente do termo, conforme o dicionário Houaiss, que refere ecologia às “relações recíprocas entre o homem e seu meio moral, social, econômico” (HOUISS, 2004). Uma pessoa bem humorada, além de ser humilde e solidária com as que estão à sua volta, contagia o ambiente e as pessoas com o mesmo sentimento. Comte-Sponville também associa o humor ao amor, ressaltando que o primeiro fortalece o segundo. Para esse autor, o humor “é uma manifestação da generosidade: sorrir daquilo que amamos é [...] amar melhor, com mais leveza, com mais espírito, com mais liberdade” (COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 236).

A educadora e pesquisadora Cecília Warschauer também relaciona arte e alegria com solidariedade. “Arte e alegria caminham juntas e possibilitam a abertura para o Outro. Viver e educar(-se) com alegria é, portanto, caminho para a convivência solidária”

(WARSCHAUER, 2001, p. 142). Destaco o verbo educar(-se) na citação de Warschauer. Para poder educar numa perspectiva lúdica, é preciso educar-se nessa direção. Entendo que o humor e a alegria podem ser desenvolvidos enquanto nos constituímos professores e professoras de Educação Musical. Assim como a música, também a postura lúdica ou brincante não é inata. Ela precisa ser exercitada, praticada diariamente.

Suspeito que o riso e o humor ainda estão bastante ausentes na sala de aula e no processo de formação de professoras e professores. Larrosa cogita que o riso esteja distante da pedagogia e da sala de aula porque a educação ainda tem um forte tom moralista, é “coisa séria” (LARROSA, 1998, p. 214). Com a mesma preocupação e defendendo o humor em sala de aula, Cecília Warschauer destaca “a presença do humor, do lúdico e da alegria” para “ajudar o indivíduo a desenvolver suas potencialidades” (WARSCHAUER, 2001, p. 136). Talvez necessitemos incluir mais a sabedoria popular na sala de aula. Rir é o melhor remédio para aquecer a mecanicidade metronômica dos estudos rítmicos, para esquecer o medo de desafinar, para dominar a falta de concentração.

Alicia Fernandes também acredita na alegria como característica essencial no processo de ensino-aprendizagem. Para ela, a alegria tem a ver com o estar vivo; é sinal e motivo de esperança; é alento e força diante de situações inusitadas e preocupantes. “A alegria é corpo atravessado de pensares e desejares” (FERNANDES, 2005, p. 124). A alegria é também impulsionadora da criatividade, outro tema importante para a educação musical. Segundo Domenico De Masi, necessitamos implementar uma *pedagogia do ócio*, própria da pós-modernidade, e dar menos valor à *pedagogia do trabalho*, própria da modernidade. “Educar para o ócio significa [...] ensinar o gosto e a alegria das coisas belas. Inculcar a alegria” (DE MASI, 2000, p. 325). A criatividade aflora ou se manifesta de forma mais intensa em condições favoráveis, dentre as quais se destaca um clima descontraído e alegre.

Como já citado acima, Viviane Beineke também defende a ludicidade como elemento importante no desenvolvimento criativo-musical das crianças.

Em um processo lúdico de criação, objetos do cotidiano tiveram seu uso modificado: copos plásticos e cabos de vassoura se tornaram instrumentos musicais, a flauta doce tornou-se um instrumento de percussão e sonoridades corporais foram exploradas (BEINEKE, 2011, p. 13).

Um ambiente alegre e descontraído faz com que a liberdade de criar, de participar despojadamente aflore de maneira mais intensa e produtiva. É muito mais fácil emitir uma opinião quando o que predomina é um clima de brincadeira e alegria. O humor-amoroso já citado acima também prevalece nesses momentos, garantindo que todas as manifestações serão bem-vindas e contribuirão para a alegria de todas as pessoas envolvidas.

O humor e a alegria na resistência

Entendo que a alegria também é uma forma de enfrentamento em relação aos tempos de crise que estamos vivendo. O tema, nesse sentido, é oportuno em um encontro que busca refletir sobre a Educação Musical em tempos de crise. É preciso valorizar o aspecto da alegria, como forma de resistência e de fortalecimento mútuo. Os ataques que educadores e educadoras de todas as áreas e de todos os níveis vêm sofrendo recentemente também necessitam ser enfrentados com humor e alegria. Não um alegrar-se ingênuo e alienado, mas uma postura brincante que chama para a união em torno das causas que nos são caras e essenciais e que proporcionam alegria a todas as pessoas que delas fazem parte.

Resistência alegre que a jornalista Eliane Brum conheceu entre os povos da floresta. Em tempos de desumanização e perda de direitos, ela defende que a alegria é, sim, uma forma de resistência importante e que deve ser preservada e incentivada.

Aprendi com os povos da floresta amazônica, que tiveram suas vidas destruídas junto com a floresta mais de uma vez, e que resistem e resistem e resistem, que o principal instrumento de resistência é a alegria. Oswald de Andrade dizia que a alegria é a prova dos nove. Mas eles já sabiam disso muito antes. Metem o dedo na cara do opressor, que continua lá, e riem por gostar de rir. Riem só por desaforo (BRUM, 2018).

Num sentido um pouco diferente, mas não menos contundente, Paulo Freire também defende a alegria como uma virtude ou uma característica dos processos de ensino e de aprendizagem. Ele entende que a alegria está relacionada à esperança, destacando que uma não se realiza sem a outra. Usando suas palavras, “ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2002, p. 160). Ensinar e aprender dependem também da alegria para serem concretizados plenamente. O humor amoroso quebra a frieza autoritária e prepotente, fortalece os laços de amizade e a comunhão,

humaniza as relações, enleva as pessoas envolvidas no ambiente educativo. Rir, enfim, pode não ser o melhor, mas é certamente um bom remédio para tornar a convivência agradável, afetiva e esperançosa no espaço educativo. Experimentá-lo nas aulas de Educação Musical pode despertar em crianças, mas também em educadores e educadoras, o desejo de criar um ambiente favorável para a solidariedade, o respeito mútuo, a participação efetiva de todas as pessoas.

Entendo que proporcionar a alegria cultural ou a alegria estética da qual fala Snyders também é uma forma de resistência. Segundo este autor, “a música é feita para ser bela e para proporcionar experiências de beleza, e que a beleza existe para dar alegria, a alegria estética, que é uma alegria específica, diferente dos prazeres de que habitualmente desfrutamos e constitui um dos aspectos da alegria cultural” (2008, p. 15). Enfrentemos os tempos de crise que experimentamos atualmente com muita música. E que este fazer musical, com pessoas de todas as idades, seja experienciado com humor e com alegria.

Referências

BEINEKE, Viviane. Música, jogo e poesia na educação musical escolar. *Música na Educação Básica*. Porto Alegre, v. 3, n. 3, setembro de 2011. Disponível em <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed3/pdfs/viviane_3.pdf> Acesso em 09/06/2019.

BRUM, Eliane. Como resistir em tempos brutos. *Jornal El País*: Brasil, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/08/opinion/1539019640_653931.html> Acesso em 09/06/2019.

COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Entrevista a Maria Serena Palieri. Rio de Janeiro: GMT, 2000.

FERNANDES, Alicia. *Psicopedagogia em psicodrama: morando no brincar*. Trad. Yara S.R. Avelar. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HAASE, Alana; CUERVO, Luciane. Cuidado Que Mancha! Contribuições artísticas e lúdicas para a Educação Musical. *Música na Educação Básica*. Londrina, v. 8, nº 9, 2017. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed9/Revista%20Meb%209_ARTIGO_Cuidado%20que%20Mancha.pdf> Acesso em 09/06/2019.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Bruner e a brincadeira. in: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 2011. 139 – 153.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e máscaras*. Tomaz Tadeu da Silva (ed.). Porto Alegre: Contrabando, 1998.

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. (Trad.) Marisa de O. Fonterrada; Magda R. Gomes; Maria Lucia Pascoal. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SNYDERS, Georges. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

WARSCHAUER, Cecília. *Rodas em redes: oportunidades formativas na escola e fora dela*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.